



Especialização em
**GESTÃO
PÚBLICA
MUNICIPAL**

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

O papel do professor nas estratégias de ensino para crianças
autistas: uma análise das práticas inclusivas no município de
Passira/PE

Nome

José Fagner da Silva

Passira/PE
2024

JOSÉ FAGNER DA SILVA

O papel do professor nas estratégias de ensino para crianças autistas: uma análise das práticas inclusivas no município de Passira/PE

Monografia apresentada à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão da Especialização em Gestão Pública Municipal.

Orientador(a): Lucas Alencar Pinto

Passira/PE
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

S586p Silva, José Fagner da.
O papel do professor nas estratégias de ensino para crianças autistas: uma análise das práticas inclusivas no município de Passira/PE / José Fagner da Silva. – Recife, 2024.

31 f.; il.

Orientador(a): Lucas Alencar Pinto.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTEC, Especialização em Gestão Pública Municipal, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Inclusão escolar - Passira (PE). 2. Autismo. 3. Política Pública. 4. Professores - Formação 5. Educação inclusiva. I. Pinto, Lucas Alencar, orient. II. Título

CDD 350

FOLHA DE APROVAÇÃO

José Fagner da Silva

O papel do professor nas estratégias de ensino para crianças autistas: uma análise das práticas inclusivas no município de Passira/PE

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão da Especialização em Gestão Pública Municipal.

Aprovada em 31 /08 / 2024

Banca Examinadora:

Lucas Alencar Pinto UFRPE
Nome do(a) orientador(a) (sigla da instituição)
Presidente e Orientador

David Douglas Alves de Melo UFRPE
Nome do(a) examinador(a) (sigla da instituição)
Examinador(a)

Liliane Aparecida da Silva Santos UFRPE
Nome do(a) examinador(a) (sigla da instituição)
Examinador(a)

RESUMO

Nos últimos anos, muitas crianças autistas têm chegado às salas para serem incluídas. A escola ainda se mostra despreparada para lidar com todos os desafios na inclusão de crianças com espectro autista no dia a dia escolar. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o papel do professor e as práticas pedagógicas nas estratégias de inclusão e ensino inclusivos para crianças autistas em Passira/PE a partir de uma abordagem acerca do contexto do Transtorno do Espectro Autista; de um diagnóstico acerca da Situação Atual das Políticas Públicas para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA); identificando as Práticas Pedagógicas dos Professores do Ensino Fundamental para Lidar com Alunos com Transtorno do Espectro Autista em Passira-PE; investigando as estratégias pedagógicas adotadas pelos professores para atender às necessidades específicas dos alunos autistas; e avaliando o nível de conhecimento e capacitação dos professores em relação ao TEA. O referencial teórico contemplou discussões acerca do conceito de autismo, por meio das teorias e leis como: de Orrú (2012), Cunha (2017), Rodrigues (2010), Manual do Autismo (2016), (Lei Federal nº 12.764), dentre outros. Os procedimentos metodológicos adotados consistiram em pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo em que se aplicou um questionário e uma entrevista com professores da Escola Mul. Maurina Rodrigues dos Santos, município de Passira. A pesquisa foi realizada com cinco professores que possuem crianças autistas na sala de aula. Com base nos resultados e discussões apresentadas, considera-se que os professores possuem conhecimentos acerca do Espectro Autista, mas necessitam de formações pedagógicas continuadas para melhor ensinar e dar suporte ao ensino aprendizagem das crianças com TEA.

Palavras-chave: Inclusão. Autismo. Políticas Públicas. Formação de Professores.

ABSTRACT

In recent years, many autistic children came to the classrooms to be included. The school is still unprepared to deal with all the challenges in the inclusion of children with autism spectrum in everyday school life. This research aims to analyze the role of the teacher and pedagogical practices in the strategies of inclusive practices and teaching for autistic children in Passira/PE from an approach to the context of Autism Spectrum Disorder; a diagnosis of the Current Situation of Public Policies for People with Autism Spectrum Disorder (ASD); identifying the Pedagogical Practices of Elementary School Teachers to Deal with Students with Autism Spectrum Disorder in Passira-PE; investigating the pedagogical strategies adopted by teachers to meet the specific needs of autistic students; and assessing the level of knowledge and training of teachers in relation to ASD. The theoretical framework contemplates discussions about the concept of autism, through theories and laws such as: Orrú (2012), Cunha (2017), Rodrigues (2010), Autism Manual (2016), (Federal Law No. 12,764), among others. The methodological procedures adopted consisted of bibliographic research, field research in which a questionnaire was applied and an interview with teachers of the Mul School. Maurina Rodrigues dos Santos, municipality of Passira. The research was carried out with five teachers who have autistic children in the classroom. Based on the results and discussions presented, it is considered that teachers have some knowledge about the Autism Spectrum, but need continued pedagogical training to better teach and support the teaching and learning of children with ASD.

Keywords: Inclusion. Autism. Public Policies. Teacher Training.

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO.....	06
2 REFERENCIAL TEÓRICO	08
2.1 Contextualização dos estudos acerca do TEA.....	08
2.1.1 As políticas públicas para as crianças com TEA.....	10
2.2 O papel do professor e as práticas pedagógicas diante da inclusão da criança autista em sala de aula.....	12
3 METODOLOGIA.....	14
3.1. Análise dos dados e discussão.....	17
4 CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

O cenário educacional contemporâneo demanda uma abordagem inclusiva que atenda às crianças com deficiência, assegurando uma educação de qualidade para todos. A presente pesquisa focará no desafio específico da inclusão escolar de crianças autistas na rede regular de ensino no município de Passira, estado de Pernambuco, visando compreender e aprimorar o papel do professor no contexto das práticas pedagógicas inclusivas para as crianças autistas.

Sabemos que um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação inclusiva para crianças autistas, tendo em vista que seus comportamentos são diferenciados, exigindo capacitação continuada de profissionais para ajudá-lo em seu desenvolvimento cognitivo e social. Diante disso, surge a necessidade de analisar o papel do professor nas estratégias de ensino, garantindo que essas crianças tenham acesso a um ambiente educativo adaptado às suas necessidades.

A inclusão escolar de pessoas com autismo não é apenas uma necessidade ética, mas também uma obrigação legal. Segundo (BRASIL, 2015), o aumento significativo no número de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas evidencia a urgência de compreender e aprimorar as práticas inclusivas. A pesquisa visa contribuir para o melhor desempenho dessas práticas no município de Passira.

Antes da promulgação de uma legislação específica para o autismo, a responsabilidade do Estado em garantir os direitos dessas pessoas era expressa por meio de leis que abrangiam casos de portadores de deficiência em geral. Apesar de as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) estarem contempladas por essas garantias, sua condição especial demandava uma regulamentação mais detalhada para aprimorar sua qualidade de vida e salvaguardar direitos frequentemente violados.

Por esse motivo, ao término do ano de 2012, foi sancionada a Lei Berenice Piana, de número 12.764/12, que estabeleceu a "Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista". O nome da lei foi escolhido em homenagem à mãe de uma criança com autismo, uma ativista engajada na defesa dos direitos dos autistas.

Diante do contexto atual, surge a seguinte pergunta de pesquisa: qual é o papel do professor nas estratégias de ensino para crianças autistas e quais são as práticas pedagógicas que garantem o ensino aprendizagem?

A presente pesquisa pretende abordar o contexto histórico do Espectro Autista, as políticas públicas inclusivas direcionadas às crianças portadoras do TEA e o papel do professor diante desse contexto. Sabemos que é por meio de uma qualificação e preparo adequados não apenas dos educadores, mas de todo o corpo docente da escola, que o Estado poderá cumprir o que já é estabelecido em lei para todas as crianças portadoras de alguma deficiência, com especial atenção às autistas.

Objetivamos de maneira geral, analisar o papel do professor e as práticas pedagógicas nas estratégias de práticas inclusivas e ensino para crianças autistas em Passira/PE e especificamente abordar o contexto do Transtorno do Espectro Autista; diagnosticar a Situação Atual das Políticas Públicas para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA); identificar as Práticas Pedagógicas dos Professores do Ensino Fundamental para Lidar com Alunos com Transtorno do Espectro Autista em Passira-PE; investigar as estratégias pedagógicas adotadas pelos professores para atender às necessidades específicas dos alunos autistas; o nível de conhecimento e capacitação dos professores em relação ao TEA.

Assim, a pesquisa se valerá de um questionário respondido por professores que têm crianças autistas em suas classes, bem como uma entrevista para que possamos identificar as práticas pedagógicas direcionadas, o nível de preparo do professor, bem como o seu papel na condução do ensino aprendizagem da criança autista.

Na primeira sessão apresentaremos a contextualização dos estudos acerca do TEA para um melhor entendimento dos leitores; em seguida, nós iremos apresentar as políticas públicas para as crianças com TEA, após, nos deteremos sobre o papel do professor e as práticas pedagógicas diante da inclusão da criança autista em sala de aula.

Em seguida, abordaremos a metodologia utilizada para esse trabalho, a qual consiste em questionários e entrevistas a professores que trabalham com crianças autistas, então apresentaremos e discutiremos os dados obtidos ao longo da pesquisa e por fim a conclusão com indicação de futuros trabalhos na área. Para realização do trabalho iremos nos deter nos trabalhos de Orrú (2012), Cunha (2017), Rodrigues (2010), Manual do Autismo (2016), (Lei Federal nº 12.764), dentre outros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Contextualização dos estudos acerca do TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está sendo atualmente objeto de estudo por parte de pesquisadores nas áreas de educação, saúde e campos relacionados, devido às crescentes demandas sociais associadas ao aumento dos diagnósticos de TEA em crianças e jovens.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), por sua natureza, pode se manifestar de maneiras diversas. Conforme dados fornecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente uma em cada 160 crianças recebe o diagnóstico de TEA, sendo importante ressaltar que os sintomas podem variar consideravelmente de um indivíduo para outro (COSTA, 2020). Não existe uma apresentação única do transtorno; trata-se de uma condição global que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento da criança, resultando em sinais e sintomas como dificuldades na fala, dificuldade em expressar ideias e sentimentos, bem como comportamentos atípicos, como aversão à interação social, agitação ou movimentos repetitivos. Geralmente, os sinais do autismo começam a se manifestar por volta dos 2 a 3 anos de idade, período em que a criança está mais envolvida em interações e comunicações com as pessoas ao seu redor.

De acordo com Mello, (2007, p. 12): “Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação”.

A evolução do entendimento sobre o autismo, ao longo da história, tem sido marcada por significativas transformações, desde sua conceituação inicial até a compreensão das múltiplas formas nas quais esse transtorno pode se manifestar em indivíduos diversos. A expressão "autismo" foi introduzida pelo psiquiatra Leo Kanner, segundo Tamanaha, Perissinoto; Chiari, (2008), tomando como base a terminologia originalmente proposta por seu colega suíço Eugene Bleuler. O termo "autista" deriva do alemão "AUTIMUS", cuja raiz grega "Autos" significa "si mesmo" (UNIVERSO AUTISTA, 2023).

Na psiquiatria, é utilizado para descrever um comportamento centrado no próprio indivíduo, voltado para si mesmo, com o sufixo "ismo" indicando uma ação ou estado. Anteriormente, também era empregado para descrever o distanciamento do mundo exterior observado em adultos com esquizofrenia, os quais frequentemente se imergem em suas próprias fantasias e pensamentos (ORRÚ, 2012, p.19). Conforme Cunha (2017), em 1911, utilizou-se pela primeira vez o termo "autismo" pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler ao descrever o isolamento frequente em alguns de seus pacientes e para descrever um grupo de sintomas que se relaciona a esquizofrenia. Um dos traços da psicose,

De acordo com as pesquisas de Mercadante e Rosário (2009), foi a partir da década de 1940 que o transtorno começou a receber uma atenção mais significativa, especialmente quando o médico austríaco Leo Kanner publicou um de seus estudos sobre o assunto. Nesse trabalho, Kanner descreveu pela primeira vez 11 casos do que ele denominou "distúrbios autísticos do contato afetivo". Entre esses casos, cinco pessoas apresentavam uma "incapacidade de relacionar-se" de maneira convencional com outras pessoas desde os primeiros estágios da vida.

Além disso, Kanner observou respostas incomuns ao ambiente, como padrões motores estereotipados, resistência à mudança ou a insistência na monotonia, e aspectos atípicos das habilidades de comunicação da criança, como inversão de pronomes e a tendência ao eco na linguagem (ecolalia). Vale destacar que Kanner foi meticuloso ao fornecer um contexto de desenvolvimento para suas observações, enfatizando a predominância dos déficits nas relações sociais e dos comportamentos atípicos na definição da condição. Ele também notou que alguns sintomas surgem precocemente.

Kanner, em 1949, refere-se ao quadro com o nome Autismo Infantil precoce, evidenciando sérias dificuldades de contatos com pessoas, ideia fixa em manter os objetos e as situações sem variá-los. 16 Fisionomia inteligente alterações na linguagem do tipo inversão pronominal, neologismo e metáforas (RODRIGUES, 2010, p.18).

O Ministério da Saúde desenvolveu as Linhas de Cuidado para o Transtorno do Espectro Autista (TEA) com o propósito de oferecer diretrizes que orientem profissionais de saúde e famílias no tratamento das pessoas com TEA, visando garantir um atendimento completo e compassivo. Essas linhas de cuidado consistem

em um conjunto de diretrizes, estratégias de cuidado, procedimentos e tecnologias direcionadas para um atendimento de qualidade e para melhorar a qualidade de vida das pessoas com autismo (BRASIL, 2015).

O primeiro passo no percurso terapêutico é o diagnóstico precoce, conduzido por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais como psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros (Lima et al., 2022). Quanto mais cedo o transtorno for identificado, maiores serão as oportunidades de intervenção adequada e eficaz.

O tratamento do TEA abrange uma variedade de intervenções, incluindo terapias comportamentais, intervenções educacionais, terapias ocupacionais, medicamentos, entre outras. A escolha da abordagem terapêutica deve ser feita em conjunto com a equipe multidisciplinar, levando em consideração as necessidades individuais de cada criança. É importante destacar que o tratamento deve ser contínuo e personalizado, com um acompanhamento próximo dos profissionais envolvidos. A seguir, aprofundaremos o nosso olhar acerca das políticas públicas que acolhem as crianças com TEA, tendo em vista um número considerado de crianças autistas em nossa sociedade.

2.1.1 AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS CRIANÇAS COM TEA

A inclusão representa uma mudança fundamental na abordagem educacional, pois não se limita apenas aos alunos com deficiência ou dificuldades de aprendizagem, mas abrange a todos, com o objetivo de garantir o sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, a inclusão também se baseia no compromisso com a igualdade, equidade e respeito à diversidade, visando criar um ambiente em que todas as pessoas se sintam valorizadas e capazes de contribuir de forma significativa para a sociedade.

Os princípios e objetivos da educação inclusiva desempenham um papel crucial na evolução do sistema educacional brasileiro. Este tema tem sido amplamente discutido nas escolas devido ao aumento significativo do número de crianças e jovens com deficiências, transtornos do desenvolvimento global, altas habilidades ou superdotação. Consequentemente, conforme observado por Araújo (2022), a partir da década de 90, houve uma intensificação dos debates e

transformações em relação à Educação Especial sob a perspectiva da Educação Inclusiva. Um conjunto de políticas públicas foi implementado para garantir a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas.

No final de 2011, a Portaria nº 3.088 estabeleceu a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Após sua promulgação, houve um progresso significativo na implementação da rede de serviços comunitários e territoriais de saúde mental. Nesse contexto, é importante ressaltar a posição estratégica dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) (MARÇAL, 2018).

Diversos programas governamentais foram criados para atender as necessidades das crianças com TEA. O Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite, lançado em 2011, incluiu ações voltadas para a educação inclusiva, acessibilidade, atenção à saúde e inclusão social. Este plano é um exemplo de como as políticas públicas podem ser integradas para oferecer suporte abrangente às pessoas com deficiência, incluindo aquelas com TEA.

De acordo com Moulina (2021), em 2012, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), popularmente chamada de Lei Berenice Piana, foi aprovada. Esta lei teve um impacto profundo no reconhecimento e na garantia dos direitos das pessoas com TEA no Brasil. Ela representa um marco importante na busca pela inclusão e igualdade de tratamento para indivíduos no espectro autista, fornecendo diretrizes claras e abrangentes para a promoção de seus direitos fundamentais, incluindo saúde, educação, trabalho e acesso à justiça (Moulina, 2021).

Para Silva(2020) em 2014, teve-se outro passo significativo foi dado no tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) com a introdução de novas diretrizes para a atenção e acompanhamento dessa condição. Essas diretrizes tiveram como objetivo estabelecer um padrão profissional de abordagem, visando melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA. Com uma compreensão mais profunda das necessidades específicas dos indivíduos autistas, as diretrizes foram criadas para ajudar profissionais da saúde, educação e assistência social a ajustarem suas práticas e oferecerem um suporte adequado, levando em conta a individualidade de cada pessoa com TEA.

Conforme Araújo (2023), em 2015, foi criada uma nova abordagem de cuidado específica para o Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma condição neurodesenvolvimental que impacta a comunicação, a interação social e se

caracteriza por comportamentos restritos e repetitivos. Esta linha de cuidado foi desenvolvida por especialistas da área da saúde e teve como objetivo principal melhorar o diagnóstico precoce, promover intervenções multidisciplinares adequadas e fornecer suporte contínuo às famílias afetadas pelo TEA.

Essas políticas públicas asseguram o acesso ao diagnóstico e tratamento de qualidade para todos, independentemente da classe social ou localização geográfica. Vimos que a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, aprovada em 2012, estabeleceu diretrizes para garantir o direito à saúde, educação, acessibilidade e inclusão social das pessoas com TEA, segundo (FIGUEREDO, 2023).

Além disso, as políticas públicas têm um papel importante no apoio à rede familiar de pessoas com TEA, uma vez que o autismo pode afetar as interações familiares. De acordo com Costa (2022), indivíduos com essa condição podem enfrentar dificuldades na comunicação e na interação social, o que pode gerar estresse e tensão nas relações familiares, exigindo adaptações para atender às necessidades desses indivíduos.

Segundo Miranda e Filho (2012), a formação contínua de professores é fundamental para a inclusão eficaz de alunos com necessidades especiais. No entanto, muitas vezes, os cursos oferecidos são insuficientes ou não abordam de maneira profunda as estratégias pedagógicas necessárias para atender esses alunos.

É importante que os programas de formação continuada evoluam para atender essas necessidades. Precisamos de cursos que não apenas expliquem, mas que também demonstrem como ministrar aulas, que não só teorizem, mas que também inspirem e capacitem nossos professores a serem os melhores defensores e facilitadores da inclusão que puderem ser.

Veremos a seguir, o papel do professor e as práticas pedagógicas diante da inclusão da criança com TEA na sala de aula, tendo em vista o grande quantitativo de crianças com TEA na mesma classe (SILVA, Diana Nogueira, 2024).

2.2 O papel do professor e as práticas pedagógicas diante da inclusão da criança autista em sala de aula

Diante da diversidade de estudantes presentes na sala de aula, é responsabilidade da equipe gestora garantir a inclusão de todos. Para alcançar esse objetivo, é essencial que o docente selecione conteúdos que sejam mais relevantes e próximos da realidade de cada aluno, adaptando o ensino às suas experiências individuais. Para isso, é fundamental que o professor dedique tempo para conhecer cada aluno, compreendendo suas necessidades, interesses e características pessoais. Esse conhecimento mais aprofundado dos alunos permite ao professor desenvolver estratégias de ensino mais adequadas, promovendo assim uma aprendizagem mais significativa e inclusiva para todos os estudantes. Miranda e Filho (2012, p. 12) salientam que, “nesse processo, o educador precisa saber potencializar a autonomia, a criatividade e a comunicação dos estudantes, e, por sua vez, tornar-se produtor de seu próprio saber”.

Apesar da existência de políticas públicas de inclusão, que garantem a inserção de indivíduos que possuam deficiência na rede regular de ensino, acredita-se que haja outras dificuldades envolvidas neste processo (Schmidt et al., 2016).

É perceptível, por exemplo, que a formação do professor da classe regular, focada apenas em conteúdos, não é adequada para que ele desenvolva práticas pedagógicas inclusivas diante das situações complexas que surgem na sala de aula, relacionadas às necessidades individuais dos alunos com deficiência. Portanto, a inclusão representa um desafio significativo para o professor da educação regular, que precisa se inserir em um ambiente educacional inclusivo e redefinir seu papel dentro desse contexto.

No ambiente escolar, é importante que o papel do professor seja de oferecer um ensino personalizado, acolhendo e entendendo as necessidades individuais de cada aluno. A formação do professor deve ser um processo contínuo, indo além de suas interações com os alunos. Ele deve colaborar com outros profissionais por meio de uma abordagem interdisciplinar, fornecendo o suporte necessário para garantir o sucesso do processo educativo (SILVA, FILGUEIRA, 2021).

É essencial não apenas valorizar o papel do professor, mas também reconhecer a contribuição de todos os profissionais envolvidos na educação inclusiva. A inclusão não se limita a alguns poucos alunos, mas sim a todos aqueles que necessitam dela. Faz-se necessário que todos os membros da escola se

dediquem, trabalhando em conjunto, refletindo continuamente e aplicando seus conhecimentos para o benefício de todos.

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área. (Santos, 2008, p. 9).

Por isso, é fundamental que o professor tenha formação adequada para trabalhar com os estudantes autistas e adote um planejamento flexível e dinâmico, adaptando-o de acordo com as necessidades e habilidades individuais de cada aluno. O professor deve desempenhar papéis de propositor, mediador e facilitador na organização pedagógica da sala de aula, promovendo uma interação eficaz com os alunos. Essa abordagem visa garantir que o professor possa realizar seu trabalho da melhor maneira possível, em colaboração mútua com os alunos, integrando todos em uma proposta pedagógica eficaz. Mesmo diante de uma turma com níveis de habilidades diferentes, o professor deve buscar estratégias para facilitar a interação dos alunos e promover um ambiente inclusivo.

Nesse contexto, o apoio da instituição escolar ao professor para que ele possa ter materiais a disposição que o auxilie na compreensão do trabalho com crianças autistas é fundamental. Um profissional de apoio pedagógico irá contribuir também com a criança e o professor no cotidiano, facilitando o processo de ensino aprendizagem da criança.

Vejamos agora a metodologia adotada para a realização desta pesquisa:

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O trabalho refere-se a uma pesquisa relacionada às crianças com TEA e a sua inclusão na escola, tendo em vista o papel do professor e as estratégias utilizadas no processo de ensino aprendizagem. Assim, foram consultados livros e artigos

que abordavam o conteúdo autismo e realizamos uma pesquisa de campo para respondermos ao problema que gerou a pesquisa.

Para realização desta pesquisa delineamos os seguintes processos: identificação do tema de pesquisa; busca na literatura sobre os estudos; leituras, elaboração de questionários e perguntas para a entrevista aos professores, análise e síntese dos dados; apresentação e conclusões.

Como ponto de partida, o estudo teve como pergunta norteadora a responder: qual é o papel do professor nas estratégias de ensino para crianças autistas e quais são as práticas pedagógicas que garantem o ensino aprendizagem?

O trabalho é composto de pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva, de cunho qualitativo. Segundo Fonseca, (2002, p. 32-33) "a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto". Nesse sentido, contribui também para os referenciais teóricos acerca do tema da pesquisa. Ela será realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de websites.

Tem-se em mente que uma pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto; e ainda conforme Fonseca (2002, p. 32) objetiva recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. Para tal, no primeiro momento ficharemos artigos e livros sobre o tema pesquisado e no segundo momento será realizada a coleta de dados. Essa pesquisa também se constitui numa pesquisa documental, tendo em vista as leis e diretrizes pesquisadas. Assim, de acordo com Gil (2002, p. 46):

A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário de minha autoria, por meio da qual, os professores responderam as perguntas que contribuiriam com o tema pesquisado. Segundo Cervo e Bervian (2002), a entrevista é uma das principais técnicas de coleta de dados e pode ser definida como conversa realizada

face a face pelo pesquisador junto ao entrevistado, seguindo um método para se obter informações sobre determinado assunto.

O questionário foi realizada entre março e abril de 2024 de maneira informal e contou com 5 professores do ensino fundamental I de uma escola municipal de Passira/PE. Assim, o critério de escolha da escola é por ela ser a maior do município em número de alunos e o dos professores diz respeito ao fato de que eles possuem em suas classes crianças com o TEA. O roteiro da entrevista contou com 5 questões abertas, além disso, os professores responderam a um questionário, através do google forms, por meio do qual foram abordadas questões técnicas relacionadas ao tema.

Observando-se a natureza da pesquisa bibliográfica e da coleta de dados, para este trabalho, foi adotada uma metodologia de cunho qualitativo, a qual segundo Silveira e Córdova (2010, p. 31) preocupa-se com “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

A presente pesquisa também pode ser classificada quanto aos objetivos como descritiva e exploratória. A primeira, segundo Gil (2010, p. 28), “busca a descrição das características de determinada população e possíveis relações entre as variáveis”. Já a segunda, para Aaker, Kumar e Day (2004), costuma envolver uma abordagem qualitativa, tal como o uso de grupos de discussão; geralmente, caracteriza-se pela ausência de hipóteses, ou hipóteses pouco definidas. Para Zikmund (2000), os estudos exploratórios, geralmente, são úteis para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas ideias.

Assim, por meio dos procedimentos expostos na presente pesquisa, buscamos identificar qual é o papel do professor nas estratégias de ensino para crianças autistas, as práticas pedagógicas que garantem o ensino aprendizagem para crianças com Transtorno de Aspecto Autista (TEA) e contextualização das políticas inclusivas. Segundo Cervo e Bervian (2002), os objetivos definem a natureza do trabalho, o tipo de problema, o material a coletar, dentre outros.

Os dados coletados foram analisados utilizando a análise de conteúdo conforme descrita por Bardin (2011, p. 48), que consiste em um conjunto de técnicas de comunicação com o objetivo de descrever de forma sistemática e objetiva o conteúdo das mensagens, buscando indicadores (quantitativos ou qualitativos) que possibilitem inferências sobre as condições de recepção/produção dessas mensagens (variáveis inferidas).

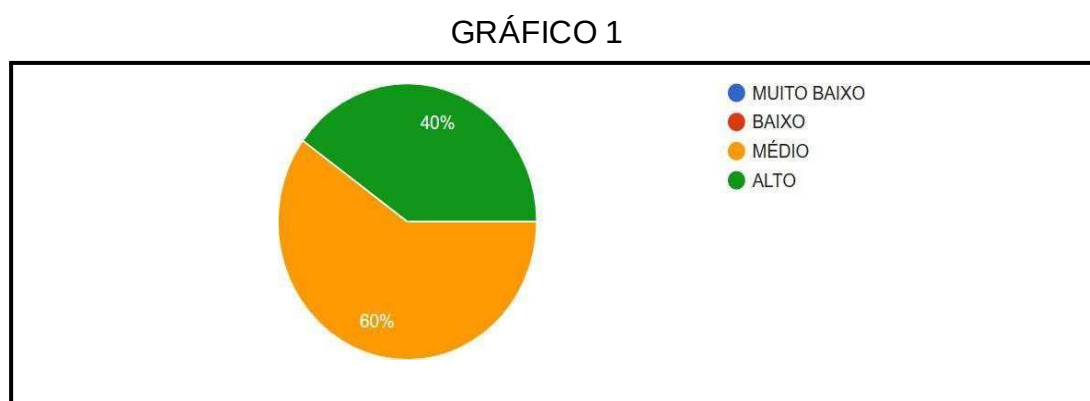
Conforme Bardin (2011, p. 15), “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.

Uma etapa importante desse método é a pré-análise, que envolve a organização do material coletado. Em seguida, procedemos à fase de exploração do material, utilizando as informações coletadas. Por fim, ocorreu o momento de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, por meio da análise dos dados e interpretação dos resultados obtidos. Vejamos a seguir.

3.1 Análise de dados e discussão

Aqui veremos os resultados da pesquisa realizada em formato de gráfico e quadro. Ao todo responderam a nossa pesquisa o total de cinco professores.

Qual é o seu nível de conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA)?



Fonte: dados da pesquisa/2024

De acordo com o gráfico 1, 60% (3) dos professores entrevistados, que também responderam ao questionário, disseram que o nível de conhecimento acerca do Transtorno do Espectro Autista é médio. Isso significa que falta formação na escola para lidar com estudantes autistas. Formação que deve ser contemplada tanto para os professores, profissionais de apoio pedagógico, pais e comunidade escolar como um todo.

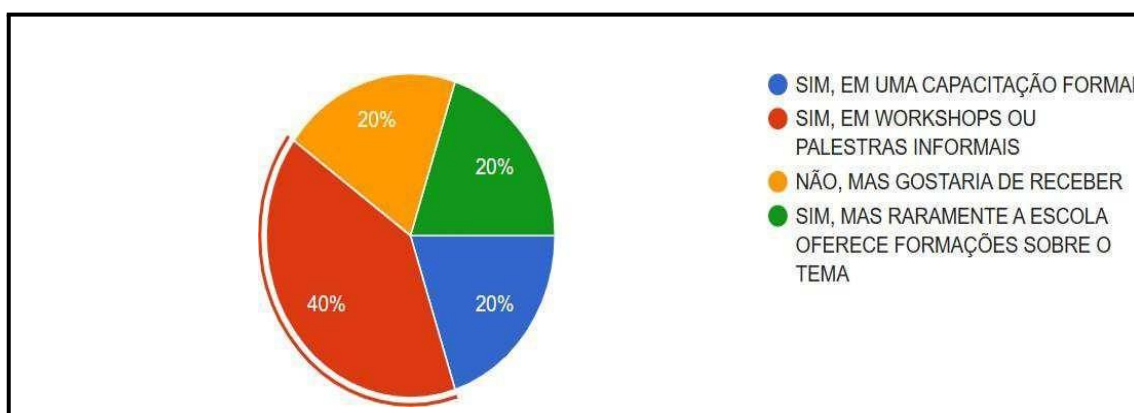
Segundo Ribeiro (2004), o professor precisa compreender as necessidades e se identificar com seus alunos e, ao mesmo tempo, não se esquecer do que lhe é devido atender, para não se sobrecarregar com tarefas que não lhe competem. Isso demanda uma formação continuada, que permita ao professor se situar como educador, compreendendo seu espaço social, cultural, histórico e político, além de uma maturidade emocional, que lhe permita compreender quais são os motivos pessoais que orientam a sua prática.

Para lidar com um ou mais alunos autistas em sala de aula do ensino fundamental, é importante que o professor tenha algumas estratégias e recursos específicos para atender às necessidades desses alunos. O professor deve buscar entender as características gerais do Transtorno do Espectro Autista (TEA), como dificuldades na comunicação, interação social e padrões de comportamento repetitivos. É importante comunicar-se de forma clara e direta com os alunos autistas, evitando linguagem ambígua ou figurativa.

O ambiente de sala de aula necessita ser calmo e acolhedor para poder ajudar a minimizar estímulos sensoriais que possam ser avassaladores para os alunos autistas. Isso pode incluir reduzir o ruído, manter as luzes suaves e oferecer áreas de descanso tranquilo, se necessário. É essencial que o professor demonstre sensibilidade e empatia em relação às necessidades e desafios enfrentados pelos alunos autistas.

Você já recebeu formação específica sobre como lidar com as crianças com autismo em ambiente escolar?

GRÁFICO 2



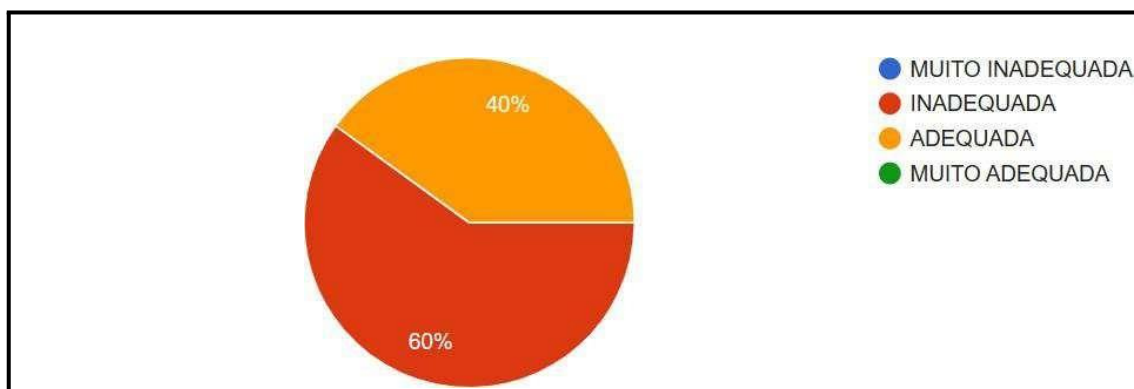
Fonte: dados da pesquisa/2024

Conforme podemos observar no gráfico 2, a maioria respondeu que o seu tipo de conhecimento sobre o TEA, vem de palestras informais ou workshops, isso significa que a escola necessita trazer urgentemente formações para os professores, porque senão, o processo de inclusão não acontece, os alunos autistas passam a ser integrados a turma, mas não são inclusos, haja vista a falta de formação e conhecimento dos professores para lidar com essas situações no dia a dia.

Nunes e Buiatti (2016) enfatizam que a formação continuada vai além da simples apresentação de novos conhecimentos e práticas inovadoras. Ela deve ser vista como um espaço de reflexão para os professores, permitindo não apenas a análise de sua prática, mas também a internalização das teorias subjacentes, capacitando-os a tomar consciência de suas ações e a transformá-las. Esse processo de reflexão e internalização deve ocorrer de forma colaborativa, possibilitando a troca de experiências e conhecimentos entre os profissionais, inclusive com a colaboração de psicólogos escolares. Durante a formação continuada, é necessário identificar as potencialidades individuais de cada professor e capacitá-los a se tornarem protagonistas de sua própria atuação, concedendo-lhes autonomia para pensar, repensar, dar significado e redefinir suas práticas pedagógicas relacionadas ao ensino aprendizagem de crianças com TEA.

Como você avalia a infraestrutura da escola em que trabalha em relação à inclusão de alunos com TEA (por exemplo, acessibilidade, recursos disponíveis)?

GRÁFICO 3



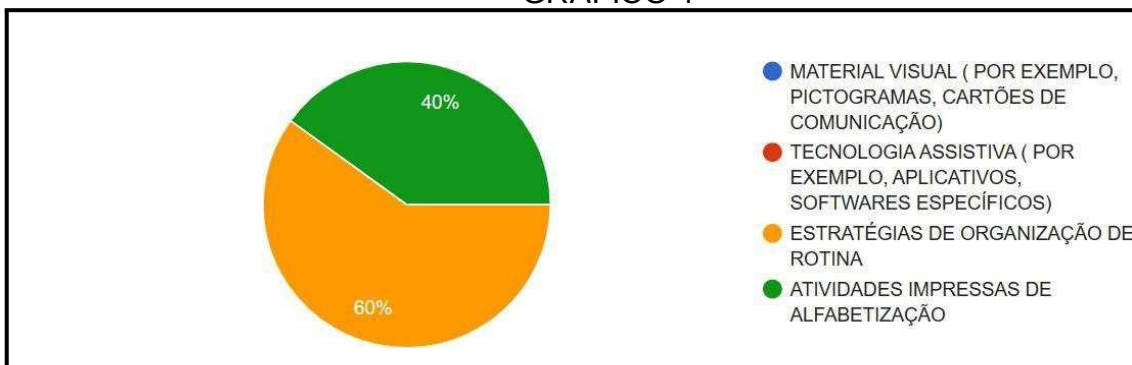
Fonte: dados da pesquisa/2024

O gráfico 3 trata da infraestrutura da escola e vimos que 60% dos respondentes avaliaram a infraestrutura da escola como "Inadequada" para a inclusão de alunos com TEA. Isso indica que a maioria percebe uma carência significativa em termos de acessibilidade e recursos disponíveis para esses alunos. Observamos que 40% dos respondentes consideraram a infraestrutura "Adequada".

Embora este seja um aspecto positivo, representa menos da metade dos respondentes, sugerindo que há margem considerável para melhorias. Este gráfico revela uma percepção predominante de inadequação na infraestrutura escolar em relação à inclusão de alunos com TEA. A pesquisa destaca a necessidade de políticas e ações concretas para melhorar a acessibilidade e os recursos disponíveis, visando uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos.

Que recursos ou materiais você utiliza em sala de aula para apoiar o aprendizado de crianças com autismo?

GRÁFICO 4



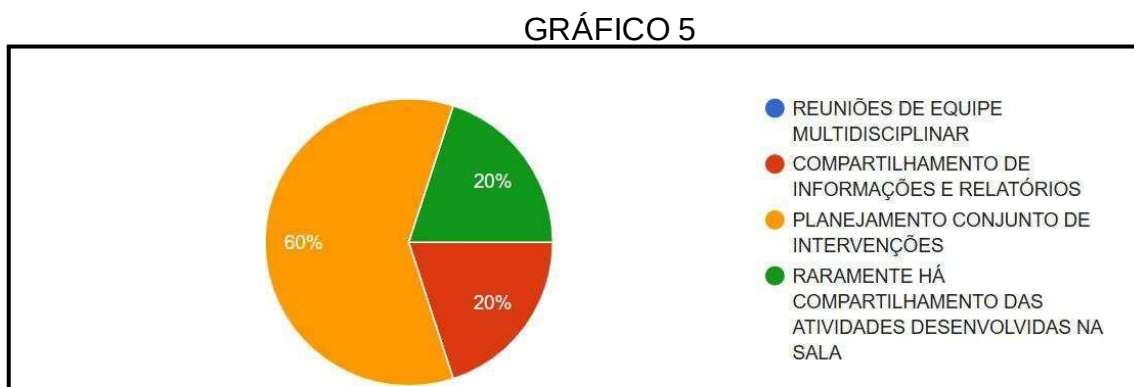
Fonte: dados da pesquisa/2024

Por meio do gráfico 4 vimos que 60% dos respondentes utilizam estratégias de organização de rotina para apoiar o aprendizado de crianças com autismo. Isso indica que a estruturação do ambiente e das atividades diárias é vista como uma prática fundamental para o ensino desses alunos. No entanto, 40% dos respondentes mencionaram utilizar atividades impressas de alfabetização. Esse recurso é importante para reforçar habilidades de leitura e escrita, adaptando-se às necessidades individuais dos alunos com autismo.

De acordo com Costa (2022), indivíduos com essa condição podem enfrentar dificuldades na comunicação e na interação social, o que pode gerar estresse e tensão nas relações familiares, exigindo adaptações para atender às necessidades desses indivíduos.

O Gráfico 4 revela que, embora estratégias de organização de rotina e atividades impressas de alfabetização sejam amplamente utilizadas, há uma oportunidade significativa para incorporar uma variedade maior de recursos educacionais. Investir em materiais visuais e tecnologia assistiva pode enriquecer o ambiente de aprendizagem e proporcionar um suporte mais holístico para os alunos com autismo.

Como você colabora com outros profissionais (por exemplo, psicólogos, terapeutas) para apoiar alunos com TEA?



Fonte: dados da pesquisa/2024

O gráfico 5 indicou que 60% dos respondentes disseram que colaboram com outros profissionais principalmente através do planejamento conjunto de intervenções. Isso destaca a importância de desenvolver estratégias de ensino e suporte personalizadas e coordenadas para alunos com TEA. 20% dos respondentes colaboram compartilhando informações e relatórios. Esse aspecto é essencial para monitorar o progresso dos alunos e ajustar as intervenções conforme necessário. 20% dos respondentes indicaram que raramente há compartilhamento das atividades desenvolvidas na sala de aula.

Isso pode sugerir uma necessidade de melhorar a comunicação e colaboração contínua entre os professores e outros profissionais. “O primeiro passo no percurso terapêutico é o diagnóstico precoce, conduzido por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais como psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros” (Lima et al., 2022). Conforme o gráfico, não houve respostas indicando a realização de reuniões de equipe multidisciplinar. Isso pode indicar uma falta de práticas colaborativas estruturadas que envolvam múltiplos profissionais em discussões regulares sobre os alunos com TEA.

Além de responderem a um questionário, os professores participaram de uma entrevista semiestruturadas de maneira informal com questões abertas, vamos às análises das respostas dos professores disponibilizadas em quadros:

Quadro 01 - Como você descreveria sua experiência ao trabalhar com crianças com TEA em sala de aula?

Professor 01	“desafiador, requer paciência e empatia”
Professor 02	“deve ter muita paciência com cada criança com TEA, muita atenção e disponibilidade para ajudar cada um”
Professor 03	“desafiador, pois requer metodologias diferentes para as crianças, visando sempre o desempenho de cada uma, conforme as necessidades individuais”
Professor 04	“é importante está preparado e ter um plano flexível, pois cada criança com TEA é única e pode ter necessidades diferentes. É essencial estabelecer uma rotina clara e previsível”
Professor 05	“uma experiência difícil, desafiadora, porque na minha sala tem três e não tive formação específica para lidar com elas”

Fonte: dados da pesquisa/2024

Analisando o quadro 1, vimos que os professores mencionam a natureza desafiadora do ensino de alunos com TEA, o que sugere uma percepção comum das dificuldades inerentes a essa tarefa. Além disso, a paciência e a empatia são destacadas por vários professores como características essenciais para trabalhar efetivamente com alunos com TEA. Segundo, Alves (2016), “as concepções dos docentes em relação à inclusão, bem como a construção de vínculos do professor, com a escola e com o aluno, também demonstram grande importância neste processo”.

Percebemos nas respostas dos professores, a complexidade e os desafios do ensino de alunos com TEA, enquanto também aponta para oportunidades de melhoria na formação e no suporte oferecido aos professores.

Quadro 02 - Quais são os principais desafios que você enfrenta ao ensinar alunos com autismo?

Professor 01	“os principais desafios são a comunicação e a adaptação dos métodos de ensino para atender a necessidade de cada criança”
Professor 02	“A falta de atenção e comunicação que alguns possuem”
Professor 03	“desenvolver estratégias para chamar a atenção dos alunos”
Professor 04	“é desafiador, pois temos que ter várias técnicas para transmitir conhecimento para que ele venha a compreender o que estamos passando para eles, pois são vários tipos de TEA que existem”
Professor 05	“falta de formação, cuidadores despreparados, família desestruturada”

Fonte: dados da pesquisa/2024

Como se pode ver através do quadro 2, os principais desafios são a comunicação, os vários tipos de autistas que existem, os cuidadores e os próprios familiares sem preparo psicológico para lidar com a criança autista. Nos últimos anos, a escola tem recebido muitos estudantes autistas, e por isso, se faz necessário preparar os profissionais da escola para lidar com as situações mais desafiantes que é a inclusão do estudante autista na sala de aula. Para Cunha (2013, p. 49): “no ensino do aluno com o espectro autista, não há metodologias ou técnicas salvadoras. Há, sim, grandes possibilidades de aprendizagem”

Quadro 03 - Que estratégias você utiliza para promover a inclusão e o aprendizado de crianças com TEA em um ambiente escolar regular?

Professor 01	“planejamento e adaptação do currículo, suporte para comunicação, avaliação e treinamento”
Professor 02	“desenvolvo atividades coletivas, e sempre envolvo cada um deles em atividades multidisciplinares”
Professor 03	“trabalho sempre em equipe”
Professor 04	“prática de atividades em grupos, brincadeiras em equipe, pois assim acolhemos as crianças com TEA e há socialização com os colegas de classe”
Professor 05	“tento incluir nas atividades que envolvem filmes, contação de história, música, brincadeiras”

Fonte: dados da pesquisa/2024

O trabalho em grupo para a socialização da criança autista tem sido uma das prioridades dos professores, além de filme, música e contação de histórias para chamar a atenção da criança. Estas estratégias variam com o objetivo de melhorar a inclusão e o aprendizado de crianças com TEA em um ambiente escolar regular. “Apesar da complexidade da inclusão na atualidade é possível verificar que, de alguma maneira, este processo contribui tanto para o desenvolvimento da criança com deficiência como para seus colegas de turma” (HEHIR et al., 2016).

Quadro 04 - Como você percebe o apoio da escola e da comunidade em relação às necessidades específicas das crianças com autismo?

Professor 01	“percebo que o apoio da escola e da comunidade escolar pode variar, mas é importante para atender as necessidades específicas de cada criança”
Professor 02	“através das disponibilidades de cada atividade, de palestras desenvolvidas para crianças com TEA”
Professor 03	“A escola sempre acolhe e inclui as crianças visando sempre o desenvolvimento delas”
Professor 04	“É extremamente importante que haja uma comunicação aberta entre escola e família para que juntos possam contribuir para o desenvolvimento da criança”
Professor 05	“chamam a família quando a criança está agitada, tentam ajudar professores e cuidadores no sentido de auxiliar no desenvolvimento da criança”

Fonte: dados da pesquisa/2024

De maneira geral, a escola e a comunidade tem apoiado a inclusão da criança autista no dia a dia. Seja através da acolhida, das palestras, do auxílio aos professores. O Transtorno do Espectro Autista se caracteriza por ser uma Síndrome que afeta o neurodesenvolvimento infantil, com dificuldade importante e qualitativa correspondente a tríade de comprometimento, com presença de sensibilidade sensorial, e outras características que variam muito de pessoa para pessoa. (FONTES, 2016). A inclusão visa o envolvimento de vários profissionais, a presença dos pais e o acolhimento de todos no processo educacional da criança. É preciso reforçar a importância de uma abordagem inclusiva nas escolas, onde a comunicação, o planejamento e o suporte são essenciais para atender às necessidades específicas das crianças com autismo

Quadro 05 - Como você lida com comportamentos desafiadores ou situações de crise que podem surgir em sala de aula envolvendo alunos com autismo?

Professor 01	“paciência e diálogo, oferecendo suporte emocional”
Professor 02	“com muita paciência e bastante diálogo até cada um se acalmar no tempo deles”
Professor 03	“mantenho a calma e busco compreender o que a criança precisa no momento”
Professor 04	“ter um plano de intervenção em caso de crises, incluindo procedimentos para garantir a segurança do aluno e dos colegas também em sala de aula ou nas dependências da escola”
Professor 05	“tenho paciência e peço ajuda a coordenação pedagógica da escola”

Fonte: dados da pesquisa/2024

As respostas dos professores indicam diversas estratégias para lidar com comportamentos desafiadores ou situações de crise envolvendo alunos com autismo.

“A qualificação profissional dos professores é muito importante para identificar as dificuldades de cada criança” (SILVA; FILGUEIRA, 2021). As abordagens variam de paciência e diálogo a planos de intervenção estruturados, todas enfatizando a importância de compreender e respeitar as necessidades individuais das crianças, bem como garantir a segurança e o apoio emocional. A colaboração com a equipe pedagógica também é vista como um recurso valioso para lidar com essas situações de maneira eficaz.

Quadro 06 - Como você percebe o papel da formação profissional e do suporte contínuo na melhoria da sua prática em relação à inclusão de alunos com TEA?

Professor 01	“através de novas técnicas e estratégias trocando experiências com os colegas”
Professor 02	“através do meu cuidado com cada um, a paciência e o amor que tenho para ensinar e da melhor forma, assim faço eles compreenderem o conteúdo que tento ensiná-los.”
Professor 03	“À formação profissional no âmbito acadêmica deixa muito a desejar, pois não traz experiências, seria mais proveitoso a prática em vez de focar somente na teoria”
Professor 04	“esses recursos são essenciais para lidar com a diversidade dos alunos com TEA requer conhecimento especializado e uma abordagem individualizada”
Professor 05	“não tive formação em educação especial/inclusiva, a minha prática pedagógica com crianças autistas e com deficiências em geral, vêm muito de leituras e palestras que assisti”

Fonte: dados da pesquisa/2024

As respostas dos professores refletem uma diversidade de experiências e percepções sobre a formação profissional e o suporte contínuo na inclusão de alunos com TEA. A troca de experiências com colegas, a necessidade de práticas mais experienciadas, o papel do cuidado e do afeto, e a busca por conhecimento especializado são aspectos destacados como essenciais para a melhoria das práticas pedagógicas. Além disso, as respostas indicam que existe uma lacuna na formação inicial dos professores, reforçando a importância do desenvolvimento profissional contínuo e prático para atender às necessidades dos alunos com TEA de maneira eficaz. Gutierrez e Walter (2021) aborda de maneira enfática a relevância da formação continuada para professores, especialmente no contexto da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), evidenciando a necessidade de avanço em pesquisas nessa área.

O estudante com autismo pode apresentar uma variedade de características individuais e desafios únicos, tornando imperativo que os professores estejam devidamente capacitados para compreender e lidar com tais diversidades. Além das dificuldades na comunicação e interação social, alguns alunos com TEA podem demonstrar comportamentos repetitivos, interesses restritos e sensibilidades sensoriais (MOURA et al., 2023).

É necessário que o professor esteja em constante processo de formação para lidar com crianças autistas, criando estratégias que possam ajudá-las a aprender.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa sobre o papel do professor nas estratégias de ensino para crianças autistas no município de Passira/PE evidenciou a importância de práticas pedagógicas inclusivas e a necessidade de capacitação contínua dos educadores. A partir das respostas dos professores participantes, segundo os gráficos apresentados que, embora possuam algum conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), muitos ainda carecem de formação específica e de suporte contínuo para lidar efetivamente com as demandas dessas crianças.

Os dados coletados mostram que a troca de experiências entre colegas, a busca por conhecimento especializado e a valorização do cuidado e afeto são muito importantes para que haja melhorias nas práticas pedagógicas. A diversidade de percepções entre os professores destaca a necessidade de um desenvolvimento profissional contínuo e prático, focado nas reais necessidades das crianças com TEA.

Além disso, identificamos uma lacuna na formação inicial dos professores, reforçando a importância de programas de formação continuada que abordem tanto aspectos teóricos quanto práticos. Essa formação deve incluir estratégias pedagógicas específicas e individualizadas, adaptadas às particularidades de cada aluno autista, promovendo assim uma inclusão mais efetiva e humanizada no ambiente escolar.

Conclui-se que, para uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, é essencial que os professores tenham acesso a recursos e formação continuada que os preparem para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que a inclusão de alunos com TEA proporciona.

É necessário que a escola, o governo como um todo invista em infraestrutura e materiais para apoio pedagógico às atividades desenvolvidas, além de fornecer palestras e formações, tanto para os familiares, quanto para os profissionais de apoio pedagógico “cuidadores”. Futuros trabalhos na área devem continuar a explorar e desenvolver métodos de formação e suporte contínuo, garantindo que as práticas pedagógicas estejam alinhadas com as melhores evidências e práticas disponíveis.

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2004.

ALVES, D. E. **O autismo e o processo de inclusão na perspectiva escolar: análise de caso na escola**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, SC, Brasil, 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3ª reimpressão da 1ª edição de 2011. Lisboa, Edições 70, 2011.

BERENICE Piana. **Wikipédia**, [S. l.], p. 1, 24 mar. 2022. Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/ccdh/Autismo%20Direito%20e%20Cidadania%202017. Acesso em: 21/03/2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. 1ª ed. Brasília. Editora do Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI)**. Brasília: Congresso Nacional, 2015.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COSTA, Dayana Cruz. **Transtorno do espectro autista: Funcionamento cerebral e o impacto do diagnóstico para pais e cuidadores**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 06, Vol. 01, pp. 65-75. Junho de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/funcionamento-cerebral>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/funcionamento-cerebral.

COSTA, Michelle Hilário da. **Inclusão do aluno diagnosticado com transtorno do espectro autista na educação infantil**. 2022.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 5ª ed. RJ: Wak Ed., 2017.

FIGUEIREDO, Thamyres Silverio et al. **Análise do Comportamento Aplicada: a importância de políticas públicas para o diagnóstico precoce em casos de pessoas com transtorno do espectro autista**. Unisanta Law and Social Science, v. 11, n. 2, p. 65-77, 2023.

FONTES, A. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**, São Paulo, 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUITHIERREZ, C. C. M.; WALTER, C. C. F. **Programa de formação continuada de professores: comunicação alternativa e transtorno do espectro autista**. Revista Teias, v. 22, n. 66, p. 240–255, 2021.

HEHIR, T.; GRINDAL, T.; FREEMAN, B. Et al. **Os benefícios da Educação Inclusiva para estudantes com e sem deficiência**. São Paulo: Instituto Alana, 2016.

LIMA, Ana Paula *et al.* **A Família da Criança com o Transtorno Espectro Autista (TEA) / The Family of a Child with Autism Spectrum Disorder (ASD)**. **Id On Line. Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 16, n. 60, p. 15-27, 30 maio 2022. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/online.v16i60.3421>. Acesso em 28/01/2024.

LIMA, Claudete Veiga De. **Autoestigma de mães de estudantes com transtorno do espectro autista do município de Niterói**. Rio de Janeiro. 2022.

MARÇAL, Fabiano Candido. **Acesso de novos usuários aos Centros de Atenção Psicossocial nas Áreas de Planejamento no município do Rio de Janeiro, sob a perspectiva da gestão dos serviços**. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MELLO, Ana Marias, Ros de. **Autismo: guia prático**/ Ana Maria S. Ros de Mello; colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. _ 4.ed. _ São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2007.

MERCADANTE, Marcos T.; ROSÁRIO, Maria C. **Autismo e cérebro social**. São Paulo: Segmento Farma, 2009.

MIRANDA, Theresinha Guimarães e FILHO, Teófilo Alves Galvão (org.). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 17-24.

MOLINA, Lina Maria Moreno *et al.* **Análise da política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtornos do espectro autista e os impactos no Projeto Político-Pedagógico do curso de Pedagogia de uma Universidade Pública**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba Centro de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado em Educação, João Pessoa, 2021.

MOURA, T. L. D. *et al.* **Trajetória educacional de estudantes com autismo e deficiência intelectual: avaliação de leitura, escrita, matemática e**

comportamento verbal. Ciência & Educação, Bauru, v. 29, e23010, 2023.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** 3.ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed.2012.

ARAÚJO, Aline Oliveira de. **O processo de transição da criança com Transtorno do Espectro do Autismo para o ensino fundamental: preocupações de mães em Brasília.** 2023. Tese de Doutorado.

RIBEIRO, S. H. B. **Prevalência dos transtornos invasivos do desenvolvimento: um estudo piloto** (Dissertação de mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2004.

RODRIGUES, Janine Marta C.; SPENCER, Eric. **A criança autista: um estudo psicopedagógico.** Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar.** São Paulo: CRDA, 2008.

SCHIMDT, Carlos. **Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 22, n.2, p.221-230, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/3451/pdf>. Acesso em 04/03/2024.

SILVA, Diana Nogueira. FILGUEIRA, Jéssica Silva. **Formação docente e os desafios no processo de inclusão: o professor como facilitador da inserção do aluno com TEA no sistema educacional. VII CONEDU.** Disponível em: editorarealize.com.br Acesso em 28/03/2024.

SILVEIRA, D. T. CORDOVA, F. P. **A pesquisa científica.** In: TOLFO, Denise (Org). Métodos de pesquisa. 1ª. Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. P. 31-42. Disponível em: <s://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acesso em: 27 jan. 2024.

TAMANHA, Ana Carina. PERISSINOTO, Jacy. CHIARI, Brasília Maria. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger.** Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2008;13(3):296-9. Disponível em: [13-AR-411.indd \(scielo.br\)](http://13-AR-411.indd (scielo.br)). Acesso em 27/04/2024.